

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ENTRE BRINCADEIRAS COM OS MASCARADOS DO CONGO NAS OFICINAS CULTURAIS COM COTIDIANOS ESCOLARES

**Eixo temático 5: Pesquisa, Educação, Diversidades e Culturas.
Comunicação oral**

*Eu queria pegar na semente da palavra
(MANOEL DE BARROS, 2010)*

Este artigo é resultado de uma pesquisa de Mestrado¹(RAMOS, 2013) no exercício de escrever e tentar “*pegar a semente da palavra*”, com as redes de conversações tecidas entre encontros e brincadeiras dos Mascarados do Congo nas Oficinas Culturais (OCs). O texto convida aos deslocamentos com movimentos da pesquisa em Educação Ambiental (EA) com inspirações na pesquisa *cartográfica* com os cotidianos. Nosso objetivo com a produção das Oficinas Culturais (OCs) foi cartografar e problematizar² a produção dos Mascarados do Congo de Roda D’Água, Cariacica/ES, e seus atravessamentos com as redes de conversações cotidianas de uma escola municipal da região rural.

Neste artigo nos ateremos as produções das OCs, que foram realizadas com os movimentos de produção de dados que compõem a pesquisa. A realização de atividades em modo de OCs intenciona enredar as teoria das práticas através das redes de conversações cotidianas da pesquisa. Pensando com Maturana, a cultura em nossa vida cotidiana ocorre como uma rede fechada de conversações no entrelaçamento do linguajar e do emocionar, quando os seres humanos de diferentes culturas se encontram, podendo acontecer um encontro criativo, quando há aceitação do outro como legítimo outro na convivência, surgindo uma outra cultura na arte da conversa.

Nesse campo problemático, apostamos na EA *autopoiética* (MATURANA, 1999), pensada a partir dos estudos do biólogo chileno Humberto Maturana, que aprendemos que produzimos, desde nossos ancestrais, modos de vida como seres amorosos no conviver e compartilhar alimentos e cuidados, acoplando-nos as realidades e constituindo a *Biologia do Conhecer*, com a noção de Autopoiiese, que vem do grego: *autós*, próprio; *poiein*, *poiesis*, faço, fazer, o feito, é a produção de si mesmo, *autofazimento* que ocorre em redes de conversações.

¹ Esse texto-vida possui fragmentos da dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada, “Educação Ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do Congo de Roda D’Água” (RAMOS, 2013).

² Revel (2005, p. 71) destaca que “[...] o termo *problematização* implica duas consequências. De um lado, o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe à ideia de uma busca metódica da ‘solução’: a tarefa da filosofia não é, portanto, a de resolver – inclui-se: substituir uma solução por uma outra – mas a de ‘problematizar’, instaurando uma postura crítica e retomando os problemas. De outro lado, esse esforço de problematização não é um anti-reformismo ou um pessimismo relativista.

Pensando com o Maturana (1999), queremos aqui considerar a EA Autopoiética com as redes de conversações cotidianas tecidas nessa comunidade escolar, entendendo-as como movimentos *rizomáticos* em que os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por ele numa autoprodução, apostando nas relações, no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver amoroso, negociando as tensões e os conflitos culturais da vida cotidiana.

O campo problemático desta pesquisa está inserido no contexto sociocultural marcado pelo hibridismo entre indígenas, negros e imigrantes europeus. A geografia da pesquisa está entre a Reserva Biológica Estadual de Duas Bocas e a APA Municipal do Moxuara, a uma altitude aproximada de 500 metros, coberto pela Mata Atlântica. O *Mascarado do Congo* é um personagem secular, singular, endêmico e patrimônio cultural e imaterial do município de Cariacica traduzido e atualizado por gerações, através das redes de conversações cotidianas. Nesse sentido, apostando na EA autopoiética com a intenção de desprender-se dos discursos constituídos historicamente que escamoteiam singularidades potentes das práticas culturais em Cariacica.

Travessias metodológicas

As travessias metodológicas da pesquisa são inspiradas nas pesquisas em EA (TRISTÃO, 2012) enredada com a pesquisa cartográfica (KASTRUP, 2007; PASSOS *ET AL*, 2010) e com os cotidianos (ALVES, 2010; FERRAÇO, 2003). A cartografia surge como princípio de rizoma, são múltiplas as entradas, é como mapa móvel, numa rede de experiências.

Faça rizoma, não faça raiz[...]seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! [...] linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.48).

A pesquisa percorreu travessias rizomáticas e *pousou* nos cotidianos escolares da Escola do Campo e Estação de Ciências “Margarete Cruz Pereira”, que no decorrer do texto chamarei de *Escola do Encantado*.³ Criada para receber os/as estudantes que moram em área rural do município funcionando em período integral, acolhendo no ano de 2012 aproximadamente 40 estudantes (uma turma de 6º e outra de 7º ano).

Destacamos como colaboradores na produção de dados, os habitantes das redes cotidianas da *Escola do Encantado*, professores/as, educadores, pedagogo, diretora, estudantes, cozinheiras, auxiliares de serviços gerais, vigias, motoristas, muitos deles com certo grau de

³ O Congo do Encantado acontece no dia de Páscoa na Associação da Banda de Congo de São Sebastião de Taquaruçu. É o pré-Carnaval de Congo dos Mascarados de Roda D'Água.

parentesco com os congueiros/as da região, além de alguns serem membros das bandas de congo mirim e adulta de Roda D'Água. Além disso, foram colaboradores desta pesquisa: mestre e artesão de congo, congueiros/as, filhos/as dos congueiros/as, que compõem a Associação de banda de congo de Taquaruçu.

A produção de dados aconteceu no acompanhamento dos fluxos de redes de conversações tecidas nas coletividades ao longo do ano de 2012, com a realização de OCs na *Escola do Encantado*, envolvendo os *sujeitos praticantes*⁴ das redes escolares. Utilizamos o diário de campo, além de fotografias e gravações.⁵

Brincadeiras com os mascarados nas oficinas culturais.

...É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO....

Manoel de Barros (2010)

Ação! AnimaÇÃO! AÇÃO... a poesia de Manoel de Barros anima a produção das OCs. “*Dar a alma*”, em latim, significa *animar*. Ao dizer: “Amanheci com ânimo, animado”, é perceber que vivemos em movimentos, cheio de VIDA, energias e alegrias. “Anima” vem do grego “anemon”, que tanto podia significar “alma” como “movimento”, ou ainda, “vento”. A animação, como arte de criar movimentos com meios técnicos, inventando formas de vida e ilusões de vidas inventadas. Os ventos trouxeram pistas *animadas* com as peraltices dos Mascarados nas OCs.

Fomos preenchidos e costurados pelas brincadeiras e peraltices dos Mascarados, que foram constituindo, como nas palavras de Ferraço (2003), meu próprio processo de investigação. Pesquisamos sobre nós mesmos, somos nossos próprios temas de investigação, quando mergulhamos nos cotidianos dos nossos trabalhos, que nos enreda, nos tece e nos costura.

As pesquisas com os cotidianos, enredadas com as pesquisas cartográficas, estão abertas aos imprevistos, não enquadrada e aprisionada em modelos, não existindo um só caminho a seguir, com as complexidades e multiplicidades de possíveis com a EA autopoietica.

Movimentos de intervenção com os cotidianos, os fios das palavras de Deleuze e Guattari (2003, p.38), “*Somente a expressão nos dá o procedimento*”. As paradas em movimentos, e os pousos da pesquisa, e as *expressões*, nos deram os *procedimentos* e pistas,

⁴ Os *sujeitos praticantes* para Certeau (2008) são sujeitos que inventam e reinventam os mundos nos cotidianos, nas artes de fazer com os *usos* de *táticas* e *estratégias* de resistências, se reapropriando, a seu jeito, do espaço e do uso do lugar praticado.

⁵ As conversações foram gravadas, transcritas e problematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, compondo o que chamamos de “Diário de campo”.

para pensarmos e preparamos as OCs para mergulhar, acompanhar e capturar as redes de conversações cotidianas.

Nos exercícios de acompanhar processos, preparamos dispositivos para entrar na conversa, inspirados pelas artes, com usos de imagens, casacas, tambores, cd's, dvd's, sons, cores, cheiros, barros, chuvas, papietagens, amores, afetos, paixões alegres e paixões tristes, que povoam os Mascarados do Congo. A pesquisa com os cotidianos é um mergulho...

[...] mergulhar em realidades buscando referências de sons, capaz de engolir sentindo a variedade de gosto, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando odores que as realidades colocam a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008, p. 19, grifo nosso).

Mergulhados com nossa aposta em pensar a EA autopoietica, as OCs constituíram encontros e experiências com os sujeitos que habitavam os territórios existenciais da *Escola do Encantado*. Nos movimentos de invenções e reinvenções da pesquisa produziram diferentes OCs na *Escola do Encantado*, enredadas com os mascarados do Congo: Oficinas de Sensibilização Ambiental e conversações, de Máscaras e Contação de Histórias, de Percussão e de Toadas de Congo, de Técnicas de Cinema de Animação, Aulas de Campo. As atividades foram momentos e movimentos de devires autopoieticos... Educações Ambientais autopoieticas!

Numa conversa entre a pesquisadora e grupos de estudantes foi caminhar por entre as árvores, percebendo, seus saberes nas mata e seus saberes do território do brincar:

_ *Como que você conhece todas essas coisas? Como você sabe o nome dessas plantas? – pergunto a criança.*

_ *Eu moro desde pequeno aqui e eu conheço essas plantas, eu gosto de plantas, quero estudar as plantas.*

_ *E o que você quer ser quando crescer?*

_ *Ah...eu quero estudar as plantas.*

Reconhecendo atentamente as experiências com as OCs como potência de ação, exibimos, na *Escola do Encantado*, Produções Audiovisuais, Cinemas de Animação, e vídeos sobre o Congo de Roda D'Água. Capturamos fotos e imagens dos “bastidores” dos sujeitos praticantes envolvidos com a produção dos Mascarados, inventando bons encontros e experiências, entrelaçando os espaços da pesquisa, cartografando processos, relações, fluxos, linhas, gestos.

Os bons encontros seguiam as toadas, embalos e sons com as batidas dos tambores e os repiques das casacas dos congos, assistidos em cd's e dvd's, fundamentais na composição das OCs vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

O Mestre e Artesão de Máscara de Congo de Taquaruçu e sujeito praticante, foi convidado para produzir Oficinas de Máscaras e contação de histórias. Nesta oficina foi proposto aos estudantes produzirem as suas máscaras nas coletividades, acompanhada pelas

histórias e experiências do Mestre de Congo, Seu Valdeci, relatando seus territórios do brincar em épocas de menino.

A Oficina de Máscaras percorre várias etapas experienciadas nas coletividades: o preparo do barro, escolha e montagem do molde da máscara, que segue a singularidade de cada pessoa, aplicação de plástico sobre o molde de barro, colagem de tiras de jornais em várias camadas, utilizando-se da técnica conhecida por papietagem. Após essa composição, há que se esperar por oito dias para a secagem completa da máscara. Outra OC foi realizada para a decoração das máscaras, juntamente com os estudantes, que puderam pintá-las com cores diferentes de tinta guache, e, com a ajuda da professora de Artes, os estudantes fizeram os acabamentos finais e costuraram os tecidos de algodão estampado a cores, do tipo chita.

Casaca:⁶ Com eles eu nunca tinha trabalhado com congo, eu aprendi tudo aqui como foi seu projeto com Mestre Valdeci e com essas confecções de congo. Eu aprendi com eles, graças a Deus eu tenho essas habilidades, mas o que aprendi sobre congo, aprendi com você e com a professora de educação física da escola, porque ela já estava um pouquinho nesses projetos, mas eu acho bacana para essas crianças terem essa cultura, eles verem onde eles vivem, não deixarem morrer a cultura deles de onde eles estão. Eu gosto muito dessas coisas, dá para levar para outras escolas, aprendi a técnica como é feita, a pintura só de olhar dá para saber como é feita eu acho bacana e espero levar isso para outras escolas.

Percebemos que, com os movimentos dos *fazimentos* das Máscaras de congo, acontecem em diferentes temporalidades, que, segundo Kohan, (2007, p.86) o autor apresenta três palavras, em grego clássico, utilizadas para se referir ao tempo: *o chrónos*, *o kairós* e *o aión*.

A mais conhecida entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...] percebemos o movimento, o numeramos e a essa numeração ordenada damos o nome de *chrónos*. O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro. [...]. Outra é *Kairós*, significa “medida”, ‘proporção’ e, em relação ao tempo, significa momento crítico, temporada, oportunidade. Uma terceira palavra é *aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade, não numerável nem sucessiva, mas *intensiva* (KOHAN, 2007, p.86).

O fazimento da máscara acontece em várias etapas...temporalidades, intensidades, *saberesfazer*es:

Mestre de Congo Valdeci: Antigamente nós fazíamos as formas de barro da natureza, não era de argila, mas era muito difícil de fazer, era o dia todo para fazer uma forma daquele barro mole. Para criança era muito difícil, tinha que fazer e ficar duas horas para colocar o papel e conseguir fazer a máscara, a oficina que eu ensino as crianças agora, eu compro a argila, faço a forma da massa. No dia eu boto o papel, faço a forma, boto o jornal e antes do jornal

⁶ Ressaltamos que usaremos os nomes dos instrumentos e indumentárias do Congo como modo de nomear os/as professores/as e os outros habitantes da *Escola do Encantado*.

boto uma sacola de papel aí vai rasgando os papéis vão colocando umas doze ou quinze camadas de papel. Para formar a máscara dura oito dias.

Os tempos dos movimentos das Oficinas de Máscara são intensos e atravessados por experiências de cooperação, solidariedade, amorosidade, paciência, e, o cultivo da atenção, da delicadeza, do aprender, do brincar, da lentidão, domínios de ações não numeráveis, nem sucessivas... Experiências de tempos *aións*, cultivadas com as artes dos encontros, como aprendemos com Larrosa.

A experiência [...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Para realizar com os estudantes as OCs de percussão e toadas com os instrumentos do congo, convidamos um historiador, músico e Professor de História. Esse encontro foi atravessado por sonoridades, experiências e singularidades da região, e por narrativas inventadas e entoadas por gerações que povoam os ambientes naturais. Os instrumentos foram inventados no decorrer da oficina, com o reaproveitamento de objetos e materiais usados, inventando também sons e ritmos, a partir de chocalhos, tambores de baldes e varetas de bambu.

Criamos, brincamos e inventamos situações...devires e infâncias nos educando, em redes de alegrias embaladas pelas toadas de congo inventadas nos exercícios de serem crianças, como modos essenciais de vidas, na amorosidade. Amor e brincadeira são modos de vidas e relações. São domínios de ações, como diz Maturana e Gerda Verden-Zöller:

O amor e a brincadeira não são conceitos nem ideias abstratas na história que nos deu origem. São aspecto de uma forma de vida que se manteve, geração após geração, como uma referência operacional em torno da qual mudou todo o resto, no devir evolutivo da linhagem de primatas à qual pertencemos. Ou seja, o amor e a brincadeira eram formas não-reflexivas de modos de ser mamíferos dos primatas bípedes, que foram nossos ancestrais pré-humanos: simples costumes e maneiras de relacionamento mamífero, cuja conservação como aspectos centrais de seu modo de viver tornou possível a origem da linguagem (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2011, pág. 247)

Nas redes de conversações com os estudantes e professores/as, descobrimos que os habitantes da *Escola do Encantado* desconheciam as histórias da antiga escola que antes se chamava Estação de Ciências, diante disso, convidamos o idealizador e professor, astrônomo para compartilhar narrativas e experiências com os sujeitos da pesquisa. A Oficina com o telescópio do Observatório Astronômico da escola, aproximaram os estudantes dos

espaçostempos dos temas relacionados à Astronomia e compartilhando narrativas de suas andanças como professor e “pesquisador do céu”.

Uma explosão de perguntas surgiram com esse encontro...*Dá para ver a Lua de perto com esse telescópio de dia? E os planetas? Podemos ver também? E as fases da Lua?* As conversas entre os habitantes da *Escola do Encantado*, emergiram e aguçaram o *curiosear* sobre noções de biologia, astronomia, física, química e ciências naturais que, segundo Foucault (2006, p. 196), “[...] é o único tipo de curiosidade que, vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que busca se assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo”

Realizamos também, OCs de produções audiovisuais com Cinema de Animação. Esse momento foi de elaboração, produção de roteiro e de vídeo de animação, curta-metragem de 8 minutos de duração, criado pelos estudantes intitulado “Amor Mascarado”, e em parceria com o Instituto Marlin Azul⁷ (IMA), com verba do edital da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Cariacica “João Bananeira”.

As Oficinas Audiovisuais com os estudantes teve como zoons *saberesfazeres* socioambientais dos ambientes naturais da região, que possibilitaram *animar* os territórios do brincar e do morar dos estudantes, evidenciando os lugares praticados. Nas oficinas audiovisuais os estudantes discutiram e negociaram o roteiro na coletividade e nas tessituras das redes de conversações. Eis que surge o roteiro em devires-crianças:

“Turma toda fazendo atividade. Horta, porco, galinhas. Fazendo máscaras. Menina derrama ovos. Menino cai na lama no chiqueiro. Menina tenta pegar flor. Menino no espinho. Máscaras. Menino de mau humor não quer participar. Menino vê todo mundo indo para festa. Menino vai para o observatório sozinho. Aparece mascarado na festa. Os outros meninos não dançam. O mascarado dança com a menina bonita. A menina fica apaixonada. O menino dá uma flor para a menina e tira a máscara. A menina tira a máscara. Os dois se beijam. Amor Mascarado!”

A arte da conversa acontece: “*O meu mascarado é um pirata*”. As meninas comentam: “*Estamos maquiando o mascarado, passando sombra e batom*”. Eu pergunto: “e vocês... Porque essas pintinhas vermelhas?” “*– O nosso mascarado está com catapora*”.

Muitas outras conversas atravessaram as OCs nos devires-crianças e devires-mascarados, o corpo fala..., a expressão ao vestirem as máscaras, ao brincarem com elas, ao se camuflarem coletivamente pelas matas da *Escola do Encantado* entre os Carnavais dos Amores.

Momentos de aprendizagens inventivas, de invenções de si e de mundos, aprendizagens de desaprender, sujeitos autopoiéticos envolvidos durante uma semana no tempo *chrónos*

⁷ O Instituto de Desenvolvimento Social e de Gestão de Produção Cultural, Artística e Audiovisual Marlin Azul é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Texto retirado do site <http://www.institutomarlinazul.org/>, acessado em 06 de abril de 2013)

tensionado com os tempos *kairós* e *aións*. É a arte resistindo e furando clichês, nas singularidades. Os estudantes-infames inventando a arte e furando os clichês através da arte, criando maneiras de se reencontrarem com a arte. Nas palavras de Deleuze:

A Arte resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha, aos clichês. [...]. Como poderia criar para si e criar a si próprio, é por seus próprios meios, mas de maneira a reencontrar algo da arte”. (DELEUZE, 1992, p.219, grifo nosso).

É a arte movimentando, inventando traçados nas multiplicidades das redes cotidianas, fugindo das linhas retas entediadas, diluindo diferentes pontos de vistas e criando procedimentos por meio das expressões...a aposta está na liberdade dos estudantes inventando a si mesmos e seus *saberes-fazeres* socioambientais.

As OCs afetaram todos os habitantes (trabalhadores) da *Escola do Encantado*, que são moradores da região de Roda D'Água, e alguns praticantes do Congo de Taquaruçu e pais-mães de estudantes, a pesquisadora teceu conversas com alguns sujeitos.

Cuíca. Aqui não se liga nessas coisas não. Somos da região, mas não temos convivência com essa cultura. A gente vive, mas nossa cultura passa ser outra. Temos outra cultura, sobre esse negócio de máscara, congo a gente não se liga. Ele é uma criança do bairro, mas não se liga com esse negócio, por isso nem chega a comentar. Tem o negócio do congo lá no bairro, mas ele nunca foi, nunca participa porque é mais de atividades de igreja mesmo, e essa atividade aí a gente acha meio estranho por ser uma cultura, é um negócio esquisito.

Entrando na cozinha...nos deparamos com os cheiros, sabores, saberes-fazeres das Artes de Cozinhar...fios das conversas enredados com as culinárias da *Escola do Encantado*...

Apito. Vi aqui a máscara no ano passado. Porque já é daqui de Roda D'água a gente já trabalha o congo, a comida daqui, nós fizemos o soteco que já acompanhando a origem do congo de Roda 'água. Soteco é feito com banana 'devez', é uma sopa salgada que já servimos na merenda da escola no ano passado. É com banana nanica, vai carne seca, linguicinha.

As conversações tecem fios de solidariedade com as produções das OCs, é a arte de conversar atravessando as coletividades dos habitantes na *Escola do Encantado*. Como nos aponta Tristão (2010, p. 159): “A *questão ecológica pode ser um fator mobilizador da solidariedade planetária, cria uma simbiose entre local/global pelo seu poder de partilhar com diferentes sujeitos, coletivos e contextos, ações com princípios éticos*”.

Fios das conversas abordando as questões sobre as *dificuldade-fragilidades-restrições* em acompanhar processos e propor pesquisa-intervenção na escola...

Bandeira: Considerando as dificuldades que a gente tem para dar continuidade, é o convívio deles, é a história deles, a maioria tem familiares

que estão nas bandas de congo e até para os professores porque eu não sou da região dessa cultura e eu aprendi.

Fios das conversas sobre a entrada da produção da máscara como prática cultural na escola...nessa conversa o professor foca no enraizamento do congo como prática cultural...

Chocalho: Eu acho que é um vínculo fundamental esse enraizamento, a escola dessa região deve ter sempre congo, cada região a escola precisa ter essa caracterização, desse enraizamento. Então, a gente trabalha conteúdos universais, mas são projetos assim que fazem o aluno colocar os pés no chão de onde ele é, estudar a geografia do lugar dele, a cultura do lugar dele, costumes então, quando você fala de contextualizar a educação, de regionalizar é esse tipo de projeto que as escolas precisam. Um ajuda o outro, um observa o outro, um começa e o outro termina fica um processo de criatividade coletiva que é uma coisa complexa e não uma coisa simples.

Nossa tentativa com a realização da OCs foi apostar nas intensidades da vida, nas invenções de si e de mundos no arejar, ventilar e flertar com as artes. Diante disso, que singularidades atribuir as Educações Ambientais Autopoiéticas a partir da realizações das OCs tecidas entre as redes cotidianas escolares?

As OCs foram tecidas por temporalidades, negociações nas coletividades produzindo EAs Autopoiéticas em redes de conversações na vida cotidiana comprometida com a cooperação, a solidariedade e a aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver na amorosidade, e inspirada na poesia de Manoel de Barros (2010), “*Quando o menino ‘e a menina’ disseram que queriam passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram*”.

As travessias sem fim dos mascarados do congo: sons, tons e cores.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.

(MANOEL DE BARROS, 2010)

Esse artigo desejou ser um *exercício-deslocamento* coletivo de discussão do potencial das Oficinas Culturais (OCs) nos movimentos de cartografar e problematizar a produção dos Mascarados do Congo, e seus atravessamentos com as redes de conversações cotidianas da *Escola do Encantado*. Com as produções das OCs, apostamos nos movimentos da EA autopoiética, em que os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por ele numa autoprodução, apostando nas relações, no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver amoroso, negociando as tensões e os conflitos culturais da vida cotidiana.

A pesquisa desejou com as redes de conversações dos processos de produção dos Mascarados do Congo, apostar na potência da vida, nas experiências, nos bons encontros,

potencializando dimensões éticas, políticas e estéticas, nos movimentos de invenções de si e de outros mundos, articulando a vida cotidiana, seus rastros, cheiros, sabores, gestos, risos, saberes, poesias, fazeres, sons, afetos e alegrias. E peço emprestadas as palavras da interpretação de Maria Bethânia (1985) para continuar essas conversas, encontros e brincadeiras, em outros espaçostempos de convivências... *“Você verá que a emoção começa agora. Agora é brincar de viver. [...] Eu desejo amar todos que cruzar pelo meu caminho... como sou feliz eu quero ver feliz vem andar comigo vem”*. *Agora é brincar de viver!*” *Vamos brincar de viver?*

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et al, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ALVES, N; GARCIA, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ARANTES, G.; LUCIEN, J. **Brincar de viver**. PL: Despertar, 1985.
- BARROS, M. **Menino do mato**. São Paulo: Leva, 2010.
- CARVALHO, J. M. A razão e os afetos na potencialização de “Bons encontros” no currículo escolar: Experiências cotidianas. In FERRAÇO, C. E. **Currículo e Educação Básica: Por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- CERTEAU, M. A. **Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papirus, 2008b.
- DELEUZE, G.. **Conversações**. São Paulo: Ed.34. 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Volume 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- _____. **Kafka**. Para uma literatura menor. Assírio & Alvim, Lisboa, 2003.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.
- FOUCAULT, M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LARROSA, J. Experiência e paixão. In: LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica 2004.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- _____. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas/SP: Psy, 1995.
- MATURANA, H. G.VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MATURANA, H. XIMENA, D. Y. **Habitar Humano em seis ensaios de biologia cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- RAMOS, A. T. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D’Água**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. **Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental**. In: Revista Brasileira de Educação, v.18, n. 55, out./dez. 2013, p. 847-860. ISSN 1413-2478